

A economia volta a crescer em 82

A recessão brasileira não passará deste ano, se os cálculos do ministro Delfim Neto se confirmarem. Ele não prometeu qualquer redução nas medidas restritivas do governo, na área econômica. Mas deu a entender ontem — durante a gravação de uma entrevista à TV Globo — que isso será uma decorrência do êxito da política de combate à inflação e do superávit da balança comercial, se esses dois fatos positivos se mantiverem no próximo ano.

— Há claros sinais de que teremos, em 82, um aumento da produção industrial — o ministro afirmou.

Delfim está contando, também, com um aumento na produção agrícola no próximo ano, uma vez que a safra plantada neste ano praticamente não enfrentou problemas de clima, para ajudar a recuperação econômica do País.

O ministro, entretanto, evitou aprofundar a discussão sobre a questão da política salarial como um fator de estímulo à inflação — levantada pela Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo). Prometeu, apenas, que o governo estudará o documento que a entidade está apresentando, sobre o problema. Veja, abaixo, o que diz Delfim sobre nossa economia.

A previsão certa

— Ministro, a Fiesp reconheceu que errou em algumas das suas previsões. Por exemplo, o produto não vai crescer menos, não vai ser negativo e o desemprego não vai ser tanto como se estava pensando anteriormente. O que está acontecendo com a economia, neste final de ano?

— Eu acho que há aí um certo exagero. A Fiesp não havia feito uma projeção que levasse a esses números. O que a Fiesp nos disse é que, se as coisas continuassem como estavam, então terminaríamos o ano com um resultado inferior àquele que obteremos. E o que eu disse é que as coisas não continuariam como estavam. De forma que não houve nenhum equívoco de previsão. Houve, certamente, uma confirmação do que se esperava. A economia, de fato, melhorou a sua performance. Está em recuperação lenta, como convém, e esperamos que possamos, em 82, voltar a ter uma performance mais positiva, mais afirmativa. Como eu tenho dito, o objetivo do governo é criar emprego, o objetivo do governo é realizar o desenvolvimento. O presidente Figueiredo não tem outra preo-

O ministro Delfim Neto anuncia: "Há claros sinais de que teremos, em 82, um aumento da produção industrial".

cupação. O presidente Figueiredo não fez essa política para que houvesse desemprego, para que houvesse redução da produção. Nós tivemos de sofrer um processo de ajustamento imposto, realmente, pelas dificuldades do balanço de pagamentos. Dificuldades que são gerais, dificuldades que atingem a todos os países do mundo, não só ocidental como oriental.

— O senhor disse que, em 82, espera que possamos crescer mais. O senhor pode traduzir isso?

— Eu acho que a chuva está caindo como se esperava e teremos uma boa safra agrícola. Houve um pequeno aumento de área, deveremos ter um aumento de produtividade e isto garante, eu espero, uma produção agrícola superior à atual. É verdade que o café terá uma produção menor, mas eu acho que compensaremos isso. Por outro lado, há claros sinais de que nós teremos, em 82, um aumento da produção industrial. Se continuarmos a ter sucesso, como tivemos até agora, em reduzir lentamente a inflação e ampliar o nosso saldo da balança comercial eu não tenho dúvida de que, em 82, assistiremos a uma retomada do processo de desenvolvimento com o equilíbrio interno e com o equilíbrio externo.

— Ministro, a Fiesp também voltou a criticar a política salarial. Entre outras coisas, a Fiesp diz que a distribuição de renda promovida não é decorrente da política salarial e sim da inflação. Como é que o senhor vê essa questão?

— Eu não conheço detalhes do documento da Fiesp. Ouvi apenas referências. Acho que, realmente, ele aponta uma das principais causas das dificuldades econômicas em que nós vivemos. Eu acho que não adianta querer negar o fato de que a lei, como está, provoca uma inflação e, por outro lado, estimula um certo desemprego. A discussão em torno desse ponto é ociosa. Não adianta estarmos querendo esconder o sol com a peneira. São fatos óbvios: não vê quem não quer. Eu acho que a colocação dessa discussão é importante. E volto a insistir que o governo, simplesmente, neste caso, é um espectador.

— Mas a Fiesp quer colocar a discussão a nível de empregador, empregado e governo. O governo não vai querer discutir?

— Eu acho que é muito útil que se coloque a discussão dessa forma. O governo vai tomar conhecimento do estudo e vai, depois, tomar as suas decisões.